

Conferência de Clara Rosa Nemas de Urman¹

Apresentação

A atividade inaugural do Instituto de Psicanálise, do segundo semestre de 2020, teve o prazer de receber a psicanalista Clara Nemas, que nos honrou com a palestra abaixo.

A Dra. Clara Rosa Nemas de Urman é médica, analista de treinamento, participa da Formação e Supervisão da Associação Psicanalítica de Buenos Aires. É psicanalista de crianças e de adolescentes, Vice-Chair do Comitê da China da Associação Psicanalítica Internacional (IPA) e do Comitê de Planejamento da Ásia-Pacífico. Foi vice-presidente e secretária científica da Associação Psicanalítica de Buenos Aires (APdeBA). Publicou vários artigos sobre ética, teoria psicanalítica e técnica clínica, no trabalho com pacientes adolescentes, e está envolvida na educação contínua em seminários sobre desenvolvimentos kleinianos e ensino das ideias de Meltzer, além de trabalhar com a formação de analistas. A doutora Clara também está ligada ao grupo de trabalho latino-americano sobre métodos clínicos comparativos.

A palestra foi gravada, transcrita, traduzida e encontra-se abaixo na sua integralidade.

Patricia R. M. Goldfeld – Coordenadora de Seminários do Instituto de Psicanálise da SBPdePA.

¹ Conferência para membros da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre em 8 de agosto de 2020. Tema - A Situação da pandemia e as ressonâncias na psicanálise. Interrogações e efeitos no atendimento de adolescentes com o modelo on-line.

Eu me lembro nesse momento, justamente falando de minha experiência na China, de uma analista chinesa que me contou de sua experiência nas sessões à distância, quando em meio a uma situação de muita emotividade, onde o paciente se põe a chorar e de repente a câmera congela. É preciso desligar tudo e recomeçar, quando a situação (*de emotividade*) já não é a mesma de antes. Essa é uma ocorrência que, em geral, víamos em outros países, onde as pessoas eram analisadas (*faziam sessões de psicanálise*) à distância, em países como China, pela distância geográfica, em que não podiam se encontrar frequentemente com seus analistas, ou porque viviam fora.

Voltamos à América Latina, à Argentina e ao Brasil. Essas dificuldades iniciais que estamos tendo, com o uso da tecnologia, justamente nos mostram um pouco do que significa para nós trabalhar com estes dispositivos neste momento. Claro que, para pessoas da minha geração, com muito mais trabalho ainda. Mas mesmo para jovens, que estão a trabalhar com plataformas das escolas, levam muito tempo até que possam se organizar em torno de uma plataforma e depois ter de mudar para se organizarem em torno de outra. E leva bastante tempo...

Antes dessas interrupções, eu tinha pensado começar a nossa reunião falando sobre como estamos, neste momento, todos nós.

Estamos fazendo seminários e reuniões científicas e isso realmente me comove muito. Me comove porque, pensando inclusive no Congresso Infantil de Vancouver, há apresentações de trabalhos de muitas pessoas, que continuam a pensar, trabalhar, escrever, tentando estender a mão a pessoas de outras regiões, para apresentar painéis. É isso que considero muito comovente, porque estamos em um momento que foi como um relâmpago no céu azul para todos nós. Ainda assim, estamos tentando manter a esperança, a confiança e a enorme necessidade, como vimos através do webinar da IPA, por exemplo... a quantidade de pessoas que estão precisando se reunir através destas telas, que outrora foram demonizadas e agora são a nossa tábua de salvação, até para podermos continuar com as nossas análises.

Portanto, estamos num momento em que ocorreu uma mudança drástica nas nossas vidas, que afetou cada uma das nossas atividades e também no mais profundo de nossas certezas sobre o mundo, não? Nada voltará a ser igual e não sabemos como vai ser. Seguramente não vai ser o mesmo de antes e não sabemos quando, de alguma medida, vamos sair disso.

Mas, quando escrevi isto pensei: “Bem, se digo isso, todos pensamos na covid-19, não? Sim, claro. E depois, pensando... isso também é a definição de adolescência, não? Aquele momento da vida em que entramos, em que ocorrem mudanças drásticas, no qual as relações entre as invariâncias, o que é

transformado se torna uma espiral caótica, em que não sabemos como entramos ou como vamos sair dessa situação.

Murakami dizia que a adolescência era como uma tempestade de areia, nos segue por todos os lados, não podemos escapar, por isso é melhor entrarmos com os olhos fechados e, quando sairmos, é que vamos saber onde estamos parados e se estamos parados, certo?

Então, vamos ver se conseguimos fazer isso. O que eu queria propor era ver onde estávamos antes desta tempestade de areia, certo? Especialmente em situações analíticas.

O principal elemento que pensei que podíamos tomar é precisamente o elemento das telas e das redes sociais. Apenas há um par de anos atrás, isso também no Brasil, em Porto Alegre, penso eu, apresentei um trabalho que se chamava *Os dilemas contemporâneos dos analistas de adolescentes*. Não se imaginava, nessa altura, que aquela ideia de contemporaneidade durasse tão pouco. Durou um pouco mais até entrarmos nessa outra, mais atual contemporaneidade, na qual estamos tão imersos, a ponto de ser difícil levantar o nariz para ver do que se trata, sobretudo porque compartilhamos com os nossos pacientes algo que lhes está a acontecer, essa sensação de que tudo foi virado do avesso, que não sabemos muito bem como nos colocar neste mundo e que também tentamos, tanto quanto possível, nos adaptar a novas situações e às novas maneiras de nos relacionarmos.

De alguma forma, continuamos a nos reunir, a dar seminários e fazer congressos, tentando realizar algo do mundo conhecido dentro de uma situação que realmente nos deu a volta.

Quando estava a pensar nesse momento contemporâneo, pensei de quem somos contemporâneos, não? A contemporaneidade é uma relação singular com o próprio tempo. Que precisa aderir a ele e ao mesmo tempo tomar distância. Penso que a distância que tentamos tomar, para não nos envolvermos tanto, é este momento aqui, o da conferência on-line em que nos encontramos e tentamos pensar sobre o que está a acontecer.

Um famoso ditado diz que uma borboleta ao bater asas no Oriente, um furacão surge no Ocidente, lembram-se? Bem, um vírus se iniciou no Oriente e uma pandemia surgiu no mundo, numa situação planetária que nos mostra um mundo muito menor, um mundo totalmente conectado e globalizado.

Os que mais tinham noção disso (*desse mundo globalizado*) eram provavelmente os nossos jovens adolescentes, que dentro de uma classe social determinada poderiam sentir que o mundo estava vivendo uma situação de classe média compartilhada, como os adolescentes da Argentina, Itália e alguns

adolescentes asiáticos com outras características. Porque teríamos de ver o que acontece nestes países, mas suponhamos pacientes adolescentes como na Coreia do Sul ou no Japão, talvez não tanto na China, podiam compartilhar as mesmas músicas, mesmos filmes ou mesmas séries que um adolescente de outro lugar do mundo.

Você vê que, para os adolescentes, algumas das barreiras geográficas e temporais já tinham caído de uma forma que nós ainda não tínhamos percebido tanto, exceto se trabalhássemos em corporações internacionais ou multinacionais. Mas, em geral, vivemos mais dentro de nossos próprios espaços e cultura.

Não é assim com os adolescentes...

Causa uma certa surpresa *a existência de* um mundo muito globalizado e com situações muito comuns e *a existência de* um abismo cada vez mais forte e mais importante entre esses adolescentes (*ou famílias ou pessoas, mas falamos dos adolescentes*) que podem compartilhar um mundo com outros jovens, dividindo os mesmos valores e ideias frente ao mundo, em relação (*contraposição*) a outros que estão cada vez mais excluídos, mais fora – principalmente se pensarmos na educação. Outra vez li uma reportagem que dizia que havia mais de 40 milhões de crianças no mundo que não estavam recebendo sequer o ensino básico, porque não há possibilidade do ensino chegar a elas através de tablets, telefones ou, minimamente, de terem *Wi-Fi*.

O que estamos vendo é que, cada vez mais, quando falamos na adolescência ou da atenção à adolescência em tempos de pandemia, é que este mundo está dividido em mundos muito polares.

Em geral, nossa vinculação é maior com o mundo de uma certa classe média intelectualizada ou educada, que compartilhamos nos nossos consultórios, exceto para aqueles de nós que também trabalham com pacientes ou crianças em situações mais precárias, não?

Em um desses memes que apareceram ultimamente na Internet... tão criativos... que penso: de onde tiram toda essa engenhosidade e criatividade? Onde vai parar toda essa engenhosidade e criatividade quando a pandemia passar? Porque estamos saturados do humor (*desses memes*).

Um dos memes dizia: “2019”, com um rapaz em frente à porta da sua classe de escola, “2019 - Proibido entrar com celulares ou tablets” e “2020 - As classes serão dadas pelas telas de celulares e tablets”. E foi assim: de demônio para a tábua de salvação, não?

Nisso se vê que, embora as crianças tivessem mais atividades digitais, sabendo lidar melhor com câmeras e tablets do que os adultos, vimos o tempo

que levaram, por exemplo, as escolas para serem capazes de implementar esse tipo de educação de fato.

Esses adolescentes já viam como algo mais apropriado às suas vidas o uso das redes, das telas. Nesse momento, o mundo adulto também se apropriou mais do uso das redes, porque isso é uma forma de se conectar ao serviço das aulas que eles também têm de assistir, aos exames que também têm de fazer.

Então, o que aconteceu na vida dos nossos adolescentes? Dessa visibilidade constante que tínhamos do mundo adolescente jovem nas ruas passou a haver uma invisibilidade nas ruas e uma hiper presença, uma hipervisibilidade nas casas, de uma forma que produziu uma certa surpresa frente ao desconhecido.

Pais que passavam o dia fora de casa e regressavam (*à noite*) ou no máximo viam um pouco mais seus adolescentes em momentos dos finais de semana, de férias, dependendo da idade, descobriram que tinham ali uma personagem que até produzia aversão.

Os adolescentes constantemente na casa confrontando, exigindo, levantando questões... e a convivência doméstica se transformou em uma hiper presença muito difícil de conter ou sustentar. Isso em contraste com o que pode acontecer em famílias com crianças menores, onde a brincadeira e a presença dos pais são boas, apesar do esforço envolvido (*para os pais*) ao combinar o home office com a educação dos filhos. Essas crianças pequenas desenvolverão (*tendem a desenvolver*) a linguagem de uma forma muito notável numa casa com pais estimuladores.

Com os adolescentes, não. Eles têm uma necessidade imperiosa e vital do grupo social e do contato com outros adolescentes. Isso começou a impactar mais no funcionamento das famílias, perturbando muito a vida cotidiana familiar, como no caso de adolescentes que usam a noite e de pais que põem despertadores para controlar o que estão a fazer os filhos dentro de casa. Isso é muito interessante, não?

Passou-se ao controle dentro de casa, sobretudo nas reuniões noturnas de adolescentes. Reuniões noturnas que penso serem a única vez que (*esses jovens*) encontram um mundo não interferido pelos adultos e onde encontram um espaço de intimidade, (*em que encontram a bolha*). Esse mundo adolescente que precisa ser desenvolvido com autonomia... fantasiada, digamos, porque não há autonomia com distanciamento social e com controle dos pais... O grupo social (*a bolha*) sempre foi como um laboratório, uma arena em que as crianças podem desenvolver os diferentes papéis e personagens.

Eles tentam de alguma forma manter (*esse mundo próprio*), mas com tudo o que pensamos, que as redes serão os facilitadores das relações entre adolescentes

e, neste momento, (*as redes*) não têm sido uma escolha eletiva, porque são a única coisa que pode ser feita, usada por vezes de uma forma mais rígida, por exemplo, para jogar jogos, para fazer exercícios, menos para comunicar e compartilhar, exceto algumas situações muito criativas, que oferecem aos adolescentes, por parte dos municípios, por exemplo, atividades em que podem compartilhar não só as questões com os seus próprios companheiros de colégio mas a possibilidade de conhecer pessoas de outros países da América Latina, por exemplo.

Então as atividades da rede são de diferentes formas. Repetitivas por vezes, criativas... Há adolescentes que só usam (*a rede*) para jogos, mas há muitas outras possibilidades de utilização... não é algo que neste momento esteja demonizado e estamos a aprender muito.

A psicanalista francesa Angélique Gozlan falou da virtualescência/virtual-essência. A mim me ajudou, esse conceito da virtualescência/virtual-essência, porque ela me pareceu uma pessoa que estava longe de demonizar o que acontece nas redes... *ela* as tomava como um espaço, uma extensão do espaço mental interno, onde o interno podia ser projetado. Portanto, o que ocorria na rede formava parte do Ser também, desse espaço psíquico no qual algo se desenvolvia e se sucedia. O virtual nos permitia não somente conhecer esse espaço psíquico e sua construção como interpretá-lo. Isso me pareceu interessante e que ela o tenha dito lá em 2013, porque também nos está a ajudar agora, como analista de adolescentes, especialmente a compreender e a nos amigarmos a essa relação com as redes. No sentido de que podemos encontrar algo do psiquismo adolescente projetado nesses espaços, embora não sejam corporais, embora o corpo não esteja. Mas há algo do projetado que podemos encontrar como uma mente estendida. É claro que a virtualescência/virtual-essência, disse ela, poderia ser usada em duas direções: uma positiva, que favoreceria a narração do eu, de si mesmo, e uma possibilidade de publicação que constitui a construção da identidade do adolescente, ajudando nessa construção; e outra negativa, quando favorece a falta de privacidade e a perda dos limites do self...

Muitos adolescentes constroem uma falsa identidade (*nas redes*), por exemplo, e a privacidade do seu verdadeiro eu, sua identidade real, digamos, fica isolada ou protegida desse intercâmbio. Embora as redes sirvam agora como uma tábua de salvação, temos de continuar a pensar sobre essas coisas, nas coisas que também pensávamos antes da pandemia. Do contrário, tudo o que vamos pensar, as nossas preocupações sobre a relação do adolescente com as redes e o que acontece à sociedade com as redes, neste momento, ficaria distorcido (*porque se instalou a realidade da pandemia*).

Eu preferia estar mil vezes em Porto Alegre com vocês Bem, mas o que temos é isto. E o que nos acontece com isso? Evidentemente, para mim, que encontro os rostos de vocês amigáveis, mas desconhecidos, tenho mais dificuldade em entrar neste sentimento de comunicação e troca com vocês do que aconteceria se eu estivesse pessoalmente. É como se sentisse que tenho de me esforçar mais até ter um pouco mais da sensação de que estou a falar direto com vocês. Eu sinto isso.

Queria ler agora uma citação de um analista que, claro, vocês vão reconhecer rapidamente...

Diz assim: é verdadeiramente difícil desnudar a nossa mente de preconceitos, memória e desejo, com seus ruídos, que não nos permitem ouvir o paciente que fala ou, pelo menos, o paciente que precisaríamos ouvir.

Lembrei-me que estava atendendo a um jovem adolescente pela primeira vez e eu pensei comigo mesma: aquilo era muito estranho, ele estar ali, sentado, a dizer quase nada, com cara de quem nada entendia, (*com*) um pequeno sorriso...nada vinha até minha mente (*sobre isso*)...estava em branco. Na manhã seguinte, enquanto me ajeitava, eu vi no espelho o motivo pelo qual aquilo havia me parecido familiar.

Se supunha que esse jovem era um adolescente, não se supunha que era o analista, que teria algo a me ensinar. Se supunha que eu o analisaria, mas na realidade ele era um espelho no qual se refletia minha própria face, mas eu não a reconhecia.

Bion disse isso em 1978, convidando-nos a aprender com os nossos pacientes e não nos colocarmos apenas como o analista, mas também como o analisando. Gosto muito da ideia de poder acompanhar o adolescente na desconstrução da sua infância. E nesse encantamento inicial, de um mundo novo e trabalhoso, para se apropriar de um mundo próprio Essa desconstrução da infância que já se mostrava difícil para todos nós antes de tudo isto, quando os analistas de crianças nos avisavam que a latência estava a perder o seu lugar e que a adolescência estava a ocupar um espaço muito maior das nossas vidas.

Eu pensava como acompanhar esse processo de desconstrução da infância, nesse encantamento pelo novo, nesse trabalho que é se apropriar de um mundo próprio, num momento em que de onde partimos para fazer essa desconstrução é um lugar em que ocorreu um terremoto também, não? Pais têm de se adaptar a novas situações, com uma economia que não sabemos como será, a sensação de que o outro acaba por ser o inimigo, a imagem de guerra que nos foi imposta em relação a esta pandemia, a sensação de que a casa e o lugar da família são, por um lado, um refúgio e também uma prisão.

Como metabolizamos isso? E com a urgência que precisamos fazê-lo? Porque estamos a trabalhar, porque continuamos a trabalhar como analistas.... nessa situação dos mundos sobrepostos, da Janine Puget. Mais do que nunca, neste momento, estamos com a evidência desses mundos sobrepostos, em que tanto analistas como pacientes estão a enfrentar as mesmas ansiedades de uma forma muito desnuda, muito crua, porque o mundo sobreposto existe sempre entre pacientes e analistas. Todas as nossas vidas coincidem, não são estranhas, não pertencemos a uma aristocracia ou a um planeta em que vivemos diferentes dos nossos pacientes, mas as ansiedades compartilhadas se produzem em momentos muito concentrados na história da humanidade. Nossa Melanie Klein, trabalhando em tempo de guerra com o pequeno Richard, por exemplo, tem sido o modelo que muitos de nós tomamos para ver a possibilidade de trabalhar psicanaliticamente em mundos tão sobrepostos.

Então, eu convido a todos para escutarmos os adolescentes. Mais tarde também posso falar um pouco sobre esses adolescentes em outros espaços, digamos, onde as situações de vida são diferentes, como acontece em muitos países asiáticos. Me impactou muito todo esse trabalho na Ásia, porque me permitiu ver quais eram as situações que mudavam e quais não mudavam, propostas pela cultura. Nunca se sabe se se lê uma situação a partir dos seus próprios preconceitos, não é verdade? E os aplica.

Mas há tanta coisa em comum e tanta diferença que isso nos ajuda a ver também e a repensar o que entendemos como naturalizado nas nossas culturas, o que entendemos naturalizados na adolescência do ser humano. E, quando vemos outras possíveis culturas, em que as coisas internas se desenvolvem de forma diferente, como até mesmo o Édipo conflituoso, nos faz repensar a naturalização e a universalização com que normalmente pensamos os nossos conceitos psicanalíticos.

Mas também gostaria de ver a história de vários adolescentes em diferentes momentos da adolescência, se pudermos.

Tomemos como exemplo a Malena.

Malena tem 12 anos e já faz análise há algum tempo. Ela está preparada de alguma forma para enfrentar esta crise de uma forma diferente, já que trabalhou muito mais algo nas suas onipotência e onisciência infantis. Ela tem sido capaz de modular algo intenso e enfrenta esse tempo (*da quarentena/pandemia*) do seguinte modo.

Malena vai regressar à escola primária e está no último ano. Não sei se é o mesmo para vocês, mas aqui as crianças aos 12 anos terminam a escola primária, é um final de ciclo muito importante. Nesse momento normalmente

fazem uma viagem de graduados e há uma diferenciação num logotipo, para representar essa condição. Os diplomados têm nos blusões/uniformes os dizeres graduados 2020.

A discussão em relação a colocar (*a palavra*) graduados foi algo que, já no ano passado, gerou muito conflito com os pais, por causa da questão inclusiva. Essas crianças de 12 anos que terminavam a escola primária estavam muito em desacordo com a imposição dos dizeres, porque isso não incluía a todos. Então lutaram e conseguiram alterar os dizeres nos blusões para algo em que todos se sentissem incluídos.

A única vez que puderam externar o uso dos blusões foi na primeira semana de aulas. Depois disso, começaram a ter aulas em plataformas on-line, mas todos eles colocaram os blusões para se encontrarem na aula.

Malena diz aos seus colegas que queria escrever a eles uma carta para contar como se sente na quarentena... Queria escutar o que os outros sentem pois queria compreender que não estava só. Isso (*a*) ajuda quando as coisas se tornam muito difíceis.

“Não podíamos imaginar que isso aconteceria justo neste ano, tão importante para nós...meu ânimo muda como uma montanha-russa. Há momentos em que me sinto bárbaro(a) e outros em que, de repente, começo a chorar e me sinto muito mal. Mas não faz mal, não podemos ser sempre positivos e esconder o que sentimos. Outra coisa que me ajudou para desconectar foi fazer outras coisas em casa, pintando, desenhando, por vezes não quero fazer nada, mas se o fizer sinto-me realmente bem. A única coisa que eu gosto na quarentena é que tenho mais tempo livre e comecei a cozinhar. Eu gosto (de cozinhar) e antes eu fazia apenas um pouco. Bom, espero ter podido ajudá-los um pouco e mal posso esperar para ver a todos novamente.”

Boris, um jovem de 14 anos, está no segundo ano do ensino secundário. Ele está apenas no início das suas análises/sessões. Está em um colégio em Alqueva (*uma região na Argentina*) que é muito prestigiado. Para ele, foi muito importante entrar lá. Quando as crianças falam dessa escola, é “A” escola...e os outros ficam zangados porque parece haver apenas um colégio universitário.

Ele tentou entrar ali, era um colégio muito desejado e, no primeiro ano, teve fortes oscilações de (*ora*) ser o pior aluno e (*ora ser*) o melhor aluno, porque o que ele tentava era ganhar a admiração dos seus colegas de turma. No entanto, não entende bem se é mais admirado quando é um mau aluno ou quando é um bom aluno, então, vai oscilando, hesitando entre essas duas situações. O que mais lhe interessa é agradar aos seus amigos. Porém, se sente também muito incomodado, tão ansioso (*desejoso*) de ser um líder que (*por ora*) se encontra um pouco relegado.

Na pandemia, há uma nova situação, a de poderem se encontrar on-line e poder compartilhar com os colegas coisas que antes não faziam, por exemplo, exercícios físicos. Então foi decidido fazer exercícios físicos, decidem fazer uma dieta ... E quando ele começa a me contar isso ou me escrever, me preocupo, porque tenho a impressão de que ele vai caminhar para uma questão ligada a um excesso de exposição do seu corpo e (*preocupação de*) perder peso... Estou realmente surpreendida por ver como esse menino e como os seus colegas de turma conseguiram colocar a presença do corpo na tela e fazer exercício juntos, todos os dias.

Eles compartilham questões relacionadas à alimentação e conseguiram se ver de uma forma que gostam muito mais, mais do que de estar musculosos e mais magros.

No começo da quarentena, ele estava vivendo em uma casa daqueles condomínios fechados, para onde a família se mudou, e ele não podia ver nenhum amigo. Os relacionamentos com os amigos, no entanto, melhoraram, porque ele não tinha o peso e a exigência daquele contato próximo. Para ele era algo como uma partilha mais neutra.

No início da quarentena, Boris se recusou a ter sessões on-line.

Até esta quarentena começar, não sabíamos que não seria uma corrida curta, mas uma maratona dupla, para a qual não tínhamos nos preparado. Tínhamos nos preparado para um pouco de tempo de quarentena...

Quando isso começou a acontecer e ele percebeu ser cada vez menor a possibilidade de voltar a encontrar os seus companheiros, ele voltou a fazer as sessões (*psicoterapêuticas*), agora no modo on-line. Ele não sabia onde se colocar... se ía para debaixo de uma árvore, não havia *Wi-Fi*... e se ía para o piso superior da casa, proibia os pais de subir, para manter um estado de intimidade e de forma que ninguém escutasse o que era dito nas sessões. É um trabalho enorme para todos os pacientes... fazemos sessões nos carros, fazemos sessões nas varandas, fazemos sessões nos banheiros, não? Para um adolescente, no entanto, o trabalho ainda é muito maior... pela sensação de que os pais são onipresentes e a escuta é permanente, por isso as proibições para os pais. Em suma, há muitas regras se eles estiverem em casa na hora da sessão de psicanálise.

Boris me disse que trocaria toda esta beleza (*do condomínio*) por um dia de escola para estar com os seus amigos.

Muito bem, chegou o momento em que também os pais não poderiam sustentar aquilo, de estar naquele condomínio fechado, onde também ocorriam situações paranoicas, de vizinhos denunciarem uns aos outros por estarem na rua a caminhar juntos/aglomerados... Todas estas situações que ocorrem

em pequenos mundos e numa pandemia, entendida metaforicamente como uma guerra, em que o inimigo é o outro... Eles começaram a se sentir muito confinados nesse lugar e decidiram regressar ao seu apartamento em Buenos Aires. Assim, (*Boris*) pôde começar a reencontrar os seus amigos pessoalmente em praças e parques, à distância e com máscaras. E é aí que o problema começa de novo ... o problema de estar em contato pessoalmente com os seus colegas... ele se sente novamente excluído, ele sente que não sabe como se relacionar com eles ... ele retoma algo que as telas, como objeto transitório, tinha aliviado ... Então, estamos a trabalhar isso, estamos a trabalhar o reencontro, o reinício. E tudo o que tinha sido tão esperado de repente (*gerou*) uma sensação de estranhamento frente ao reencontro.

Certa vez, eu recebi outro desses memes. Nele se via muitas crianças pequenas a entrar nestes armários/gavetas de sapatos (*retirados*) quando as crianças vão para os castelos infláveis ou vão entrar em pistas para patinar, armários pequenos que são como quadrados. O meme mostrava as crianças nesses espaços, e não os sapatos. Alguém pergunta o que estão a fazer... E escuta: “estamos tendo uma reunião por *Zoom*”.

Tudo isso também vai ter seus efeitos. Não vamos voltar aos reencontros pessoais sem nenhuma cicatriz dessa situação. Não sei se vocês já estão atendendo em consultório, mas pensemos em nós mesmos... sobre como o consultório foi transformado num lugar que é uma bolha para nós, que temos a sorte de continuar a trabalhar. Eu tenho a sorte de tê-lo em minha casa e poder continuar atendendo no mesmo espaço, mas pense naqueles que não trabalharam no mesmo espaço (*durante a quarentena*) e têm de regressar ao seu lugar de consultório. Terão de se reencontrar com algo de que estavam distanciados... e a sensação de estranhamento no regresso.

Gostaria de saber se alguns de vocês já está atendendo pessoalmente. Sei de pessoas na Austrália que já começaram a tratar pessoalmente e tiveram de voltar atrás. Por isso, é um grande problema fazer essa oscilação em um momento em que ainda estamos no meio de uma situação instável.

Uma sessão de uma paciente de 15 anos muito mais perturbada, é uma paciente que eu gosto porque a idade é mais ou menos semelhante à da paciente que vocês vão apresentar hoje, não? Essa paciente que vamos chamar de Vênus já tinha avançado muito no seu tratamento e ela dizia que estava muito melhor. Quando começou a quarentena, ela não seguiu.

O pai concordou com a interrupção porque ele próprio não continuava a sua análise na forma on-line. A analista ficou muito preocupada e decidiu algo interessante: avisou o pai que de vez em quando enviaria uma mensagem de

WhatsApp para a paciente perguntando-lhe como estava ou apenas dizendo olá. Vênus às vezes respondia, às vezes não. Certo dia a resposta foi: “quero me matar haha”. Claro que a analista a convidou para conversar, Vênus aceitou e também ajudou o fato de aceitar seguir com a medicação, conforme indicada pelo psiquiatra que consultava uma vez por mês.

Esse é o outro problema que temos, não? Pacientes adolescentes muito medicados e com poucas sessões de psicoterapia e análise semanais.

Vênus dizia que o medicamento não estava funcionando, tinha voltado a se sentir triste, não conseguia dormir e não estava comendo bem.

De todas as formas que a analista oferecia para continuar de forma virtual, ela escolheu a câmera. E agora vamos saber por que motivo.

Quando ligou a câmera, a analista pôde ver que a paciente tinha raspado a cabeça e, na semana seguinte, tinha pintado metade do seu cabelo de azul... quando começou a crescer, a outra metade ficou com a sua cor natural, o aspecto era muito ruim, estava feia.

Pensem no que isso significa, exibir tudo isso na tela, parece que necessitava mostrar, através da câmera, como estava a sua cabeça, quantas coisas lhe aconteciam na mente e que ela não conseguia juntar ... metade de uma cabeça de uma cor, outra metade de outra...

Vênus exigiu uma licença de saída, à analista ou ao psiquiatra, porque já não suportava estar em sua casa. A única coisa que ela queria era uma licença de saída.

Quando trabalhamos nesse caso, procurando entender de onde ela queria sair, qual era a sua prisão, vimos que o pior confinamento era a sua própria mente, uma mente que a confundia, uma mente em que não podia integrar as suas ideias nem o que lhe estava a acontecer, seus medos. A prisão da qual ela queria sair era representada pela casa... (*mas*) ela podia ter saído de casa, os adolescentes também saem de casa e saem à noite e os pais não percebem... Mas essa menina queria a permissão do analista ou a permissão do psiquiatra, e essa permissão estava relacionada a algo que lhe acontecia, vinculado ao seu mundo interno, ligado à sua mente. Quando trabalhamos nisso, pareceu que foi possível também para a analista se recuperar de algo que estava acontecendo com a paciente, e que antes não tinha sido capaz, porque não conseguia pensar em nada para dizer, estava chocada com a imagem na tela. Se recuperar da prisão na qual a paciente também a tinha absorvido.

A tela, por vezes, pode ser o lugar de compartilhar brincadeiras e desenhos com os pacientes menores e outras vezes há algo que não acontece dessa forma.

Nós trabalhamos com multi funções. Os pacientes nos chamam pela câmara,

nos enviam pelo *WhatsApp* os desenhos que fazem ... noutros momentos temos de passar ao áudio ou à mensagem do *WhatsApp* ou usar o telefone, porque o *Wi-Fi* foi cortado... enfim, situações diversas.

E isso é um acomodamento constante que estamos fazendo... E nós nos refugiamos e o que nos ajuda é manter a atitude analítica, é a única coisa que podemos continuar fazendo, que nos relaciona com a livre associação, com a atenção flutuante, uma atenção flutuante que agora cobre ou inclui situações que antes não olhávamos/tínhamos, como a casa do paciente, a varanda, o banheiro, o gatinho, o cão ... os quadros... A ideia de que, a qualquer momento, um PLIM! aparece na tela e eles estão a receber o *WhatsApp*. Por outro lado, a situação dessa atenção flutuante requer verdadeiramente um estado em que nos colocamos e nos localizamos quando começamos a atender.

Depois, quando formos ver o material clínico, vou dizer o que seria um estado mental adequado para começar as nossas sessões com um paciente, mas agora gostaria de passar para mais um caso.

Sobre uma adolescente de 17 ou 18 anos, mais crítica, que me diz algo muito interessante... ela disse que os colégios estão usando as plataformas para fazer o mesmo que já faziam antes, nas classes, e que os jovens estavam ferozmente entediados, porque estavam habituados a abrir várias janelas ao mesmo tempo. Ficar numa única tela os deixava muito entediados... A crítica dessa garota tem a ver com o fato de, apesar dessa escola pensar que o uso das plataformas ajudava, para dar aulas, o que estava a acontecer era como colocar vinhos velhos em garrafas novas, oferecendo nos encontros on-line o mesmo que nas aulas presenciais.

Nos exames, por exemplo, (*teve o caso*) de um dos professores exigir que os alunos posicionassem a câmera de modo que ele pudesse ver a mão do aluno, para ter a certeza de que estava a fazer, sem se dar conta de que, ao inclinar a tela, forçava os alunos a se inclinarem também, para poderem ler este exame.

Então, são geradas situações que em parte poderiam ser engraçadas mas são penosas, no sentido de como é difícil para nós incorporarmos tudo isto que estamos a tentar fazer, ao mesmo tempo que continuamos a tentar fazer o que já fazíamos.

Vamos ter de ver de que modo este mundo que, de alguma forma, poderia parecer binário e a luta contra a condição binária. Porque esses adolescentes (*faz referência ao caso dos jovens de 12 anos que estavam se graduando*) estão a lutar contra um mundo binário, mas o mundo binário ainda está presente, é contra esse mundo binário que estão todas essas possibilidades de ramificações e de concepção do mundo.

Mas se pensássemos o que poderia acontecer...

Como eu, que estou lendo um maravilhoso livro de ficção científica chamado *Memorias de una mujer del espacio* (*Memoirs of a spacewoman* (1962) de Muriel Mitchinson), uma autora que começou a escrever depois dos 64 anos. Ela fala sobre como, nessa altura do desenvolvimento, se viaja para outros mundos tentando encontrar comunicação. O tema é se comunicar, encontrar uma forma de se comunicar com outros mundos. E um dos mundos em que se chega é um mundo pentagonal, digamos. Há uma helicóide e sobre essa helicóide que gira o tempo todo há um mundo pentagonal, onde não há sequer a concepção do binário.

Tratar de entrar nesse mundo que está em constante rotação sobre si mesmo, e que é pentagonal e não binário, nos puxa (*desafia*). Como se faz isso? Você não consegue... A partir de uma percepção de que sim, nossos aparatos de percepção humanos dizem que binarismo é a coisa da diferença de dois, plasmada em nossa mente.

Essas novas gerações nos apresentam o desafio de pensar não só o gênero, mas o mundo em concepções muito mais complexas e desde muito mais cedo na vida dos jovens ... onde esse gap geracional se prolonga no tempo, porque começa mais cedo, e não os encontramos em momentos mais tardios.

Bueno... faltou dizer algo de nossos adolescentes asiáticos, que foi uma definição que ouvi de um analista coreano, num congresso chamado Édipo Asiático. Ele disse que essas crianças e adolescentes coreanos têm de enfrentar a dor pelo fato de os pais amarem mais aos seus ideais do que aos seus filhos.

Bem, isso demonstra um pouco de como é a vida e a educação de crianças onde os ideais sociais e a permanência são um pouco menos móveis/flexíveis do que no Ocidente. Assim, as relações entre filhos e pais têm, como na China, por exemplo, um caráter de submissão e repressão, ou rebeldia e hostilidade, muito mais acentuadas, porque a expectativa dos pais mais velhos é receber cuidados subjugados de jovens e de adultos ... E se passa a ver esses sentimentos em situações de abandono muito precoces, nas quais há muita hostilidade e muito ódio nas relações... (*como*) com situações traumáticas iniciais de muito abandono, de pais que deixaram os seus filhos com avós até aos 5 ou 6 anos e depois, como perfeitos estranhos, os tomam para organizar a escolaridade.

Depois, ao mesmo tempo, dentro da própria Ásia, esses adolescentes variam muito, entre aqueles que, em suas redes, seus grupos de adolescentes, têm contato com o Ocidente e (*em comparação com*) os jovens, como na China por exemplo, que não têm acesso ao Google... não têm acesso à velocidade da internet, e há notícias que devem ser censuradas de alguma forma.

Eles conseguem interagir de outras formas, mas é muito difícil para eles manter a ideia dessa comunidade entre adolescentes que acontece no resto do mundo, a não ser e apenas em casos privilegiados de alguns adolescentes que podem viajar, por exemplo, que têm esse contato com as possibilidades de pensar as sociedades de outros pontos/perspectivas.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Transcrição e tradução: Loraine Luz

Clara Rosa Nemas de Urman
E-mail: claranemas@gmail.com